

BRASIL — 1500: ACASO OU CONVENIÊNCIA?

Luís M. Alves de Fraga*

Há anos, mais concretamente em 1994, apresentei uma comunicação no colóquio organizado pela Comissão Portuguesa de História Militar, subordinado ao tema geral «Do Infante e Tordesilhas», intitulada «Os primeiros contactos dos Portugueses com os povos da África austral, oriental e do Brasil. Comparação de culturas»¹, na qual, sem excessivo relevo, destacava um aspecto que, na altura, e ainda hoje, parece-me merecer alguma atenção para o tratamento da polémica questão do «achamento» das Terras de Vera Cruz. É um mero pormenor no meio da imensa e excelente informação da *Carta* de Pêro Vaz de Caminha. É, pareceu-me, uma minudência suficiente para levantar dúvidas mesmo quanto aos dados — confusos, diga-se de passagem — que Duarte Pacheco Pereira nos oferece logo nas primeiras páginas da sua obra *Esmeraldo de Situ Orbis*², relativos à possibilidade de ter sido ele o descobridor de aquela parte do continente americano³.

Não pretendo questionar investigadores consagrados que defendem a posição do desconhecimento da existência do Brasil antes de Cabral, como é o caso do Professor Luís de Albuquerque⁴ ou, ainda, em tempos mais recuados, a do mestre de historiadores Damião Peres⁵ nem, pelo contrário, a dos que afirmam categoricamente que os monarcas portugueses já tinham antecipada sabedoria da localização da Terra de Santa Cruz, como é exemplo Jaime

* Coronel da Força Aérea na situação de reserva, licenciado em Ciências Político-Sociais e mestre em Estratégia pela Universidade Técnica de Lisboa, antigo Director do Ensino da Academia da Força Aérea e professor de História de Portugal da mesma Academia, actual professor da Universidade Autónoma de Lisboa. Membro do Conselho Científico da Comissão Portuguesa de História Militar.

¹ Cf. *V Colóquio — «Do Infante e Tordesilhas» — Actas*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 1994, pp. 93-114.

² Veja-se, por exemplo, o extracto referido à viagem ao Brasil em Damião Peres, *História dos Descobrimentos dos Portugueses*, 4.^a ed., Porto, Vertente, 1992, pp. 319-320.

³ Consulte-se, por exemplo, Joaquim Barradas de Carvalho, «Duarte Pacheco Pereira» in *Dicionário da História de Portugal*, vol. V, Porto, Figueirinhas, 1985, p. 53.

⁴ *Os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Publicações Alfa, 1985, pp. 159-174.

⁵ *Op. cit.*.

Cortesão⁶. Move-me a curiosidade de especular sobre um aspecto que, a ser aceite o meu raciocínio, poderá contribuir para gerar incertezas onde há certezas e dar argumentos onde eles são necessários para fundamentar hipóteses.

O texto que se segue é o excerto, com pequenas alterações, da parte que interessa da comunicação a que fiz referência no começo deste artigo.

«Embora seja já quase lugar comum, ao tratar da viagem de Cabral, abordar a polémica do descobrimento do Brasil, também eu não me exímio a fazê-lo, por julgar que um pormenor referido na *Carta* ⁷ de Caminha poderá contribuir para ampliar as dúvidas. Para tanto haverá que transcrever a parte que interessa e que se reporta ao final da missa celebrada no último dia — 1 de Maio de 1500 — de permanência de Cabral em Porto Seguro. Vejamos.

Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima e ficou em alva; e assim se subiu junto com o altar, em uma cadeira. Ali nos pregou do Evangelho e dos Apóstolos (...).

Esses [os índios], que estiveram sempre à pregação, quedaram-se como nós olhando para ele. E aquilo ⁸, que digo, chamava alguns que viessem para ali. Alguns vinham e outros iam-se. E acabada a pregação, como Nicolau Coelho⁹ trouxesse muitas cruzes de estanho com crucifixos, que lhe ficaram ainda da outra vinda, houveram por bem que se

⁶ Cf. *A expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994, pp. 81-93 e, bem mais recentemente, a de Jorge Couto no trabalho intitulado «A Expedição Cabralina: Casualidade versus Intencionalidade» in *Oceanos — O achamento do Brasil*, n.º 39, Julho/Setembro, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, pp. 18-31.

⁷ Devo esclarecer que neste trabalho segui o texto da *Carta* editado por Jaime Cortesão — *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994 — comparando-o com aquele que foi publicado na obra *Lisboa e os Descobrimentos. 1415-1580: a invenção do mundo pelos portugueses*, Lisboa, Terramar, s. d. (1992), pp. 165-184 e com o que Max Justo Guedes transcreve em *O Descobrimento do Brasil*, Lisboa, Vega, s. d. (1989?)

⁸ Na versão da obra *Lisboa e os Descobrimentos*, tal como na do oficial da Marinha Brasileira, Max Justo Guedes, está «aquele», o que me parece mais correcto para a compreensão actual do texto.

⁹ É conveniente esclarecer que Nicolau Coelho deveria ser um dos mais experimentados navegadores da sua época e um «especialista» no contacto com os povos desconhecidos, porque, já na viagem que anteriormente a esta fez com Vasco da Gama à Índia, foi ele o encarregado de proceder a várias explorações na costa africana e mesmo na costa do Malabar.

lançasse uma ao pescoço de cada um. (...). Vinham a isso muitos; e lançaram-nas todas, que seriam obra de quarenta ou cinquenta.

Sublinhei a passagem que me suscita dúvidas para que se possa analisar com cuidado. Começamos por tentar interpretar o que pretendia Vaz de Caminha dizer com a expressão «que lhe ficaram ainda *da* outra vinda».

Podemos admitir que se tratava: (1) de uma anterior estadia de Nicolau Coelho em terra; (2) de outra viagem marítima, para qualquer outro ponto; (3) de uma anterior viagem que Nicolau Coelho tivesse feito àquelas paragens.

Vejam, por ordem, cada uma das hipóteses. Segundo a *Carta*, Nicolau Coelho, entre 23 e 30 de Abril, esteve, garantidamente ¹⁰, duas vezes em terra: uma, a 23, noutra zona da costa diferente daquela que hoje se identifica como a baía Cabrália, ou Porto Seguro, e outra a 25, já neste porto, para deixar na praia dois índios que haviam pernoitado no navio de Cabral; nesta estadia levou, para distribuir aos indígenas, «cascavéis»¹¹ e «manilhas»¹². Note-se que, desta vez, a mando de Cabral, Coelho estava acompanhado de Pêro Vaz de Caminha¹³. Depois destas, é possível ¹⁴ que Nicolau Coelho tenha estado em terra mais cinco vezes, a saber: (a) a 26, para ir ao ilhéu onde se celebrou missa; (b) nesse mesmo dia, para inspeccionar o rio; (c) a 27, quando foram buscar água; (d) a 28, quando foram apanhar lenha e lavar roupa; (e) finalmente, a 30, quando foram buscar mais lenha e água e beijar a cruz, que já estava feita. Deve dizer-se, tudo o leva a crer, as idas a terra não eram livres e dependiam da vontade de Álvares Cabral.

Atentemos, de novo na frase e avaliemos, agora da verosimilhança da primeira hipótese — «que lhe ficaram ainda da outra vinda». Se entendermos que o verbo «ficar» tem aqui o significado de «sobrar», percebemos que estamos face a *sobras* ¹⁵, ou seja, que já tinha havido uma outra entrega de cruzeiros. Ora, como nos sete possíveis desembarques de Nicolau Coelho não se faz referência a nenhuma distribuição de cruzeiros — acto tão significativamente

¹⁰ Porque o seu nome é expressamente referido na *Carta*.

¹¹ Muito provavelmente palavra utilizada com o significado mais próximo da sua origem latina: guizos

¹² Provavelmente palavra utilizada com o significado mais próximo da sua origem castelhana: pulseiras.

¹³ Que se limita a referir a distribuição de guizos e de pulseiras. Nada mais.

¹⁴ Porque não mais Vaz de Caminha menciona o nome de Nicolau Coelho, embora refira situações em que se torna admissível a sua presença.

¹⁵ Note-se que a ideia de sobre é reforçada com o advérbio *ainda*. A frase poder-se-ia dizer, então, da seguinte maneira: «que ainda lhe sobraram da outra vinda»

importante que, quando ocorreu, mereceu figurar na *Carta* de Vaz de Caminha — tudo, por conseguinte, parece apontar no sentido de a «outra vinda» não corresponder a uma anterior estadia em terra. Todavia, se a minha conclusão não é verdadeira, Vaz de Caminha cometeu uma omissão importante, porque deu relevo desigual a acontecimentos iguais. A ponderação do escrivão não sugere a disparidade de critérios, tanto mais que, entre distribuir guizos e pulseiras e fazer a imposição de crucifixos, havia, na época, uma muito clara e significativa diferença que Caminha, efectivamente, assinala.

Passemos à análise da segunda hipótese — à afirmação «outra vinda», corresponder a ideia de «outra viagem marítima, para qualquer outro ponto».

É sabido que, pelo menos nos três anos anteriores, Nicolau Coelho estivera empenhado na grande viagem marítima, comandando a nau *Bérrio*, na frota de Vasco da Gama a caminho da Índia. Ora, parece, pode aceitar-se como verosímil a hipótese de lhe terem sobrado quarenta a cinquenta crucifixos das andanças pelo Índico os quais tivesse guardado para distribuir aquando desta nova demanda da costa do Malabar. Neste caso, Vaz de Caminha só se limita a confirmar que Nicolau Coelho era, realmente, um dos melhores *experts*, em «relações públicas» com povos desconhecidos, que havia, então, no reino, porque, tanto com Vasco da Gama como com Cabral, foi ele quem se desempenhou desse tipo de missões¹⁶.

Verosímil é, também, a terceira hipótese — Nicolau Coelho ter feito outra viagem àquelas paragens, antes da descoberta do caminho marítimo para a Índia. Vejamos os fundamentos que correm em apoio desta última.

Dos três capitães de navio que foram a Calecut com Vasco da Gama, Coelho ¹⁷ é o único que integra a frota de Cabral, tal como Pêro Escobar, seu piloto; quer dizer, a sua escolha para a segunda missão tem fundamento na primeira, todavia, onde se encontrava a razão de peso que levou à nomeação para esta? Parece que a lógica da escolha dos capitães de navio das grandes empresas marítimas entroncava na existência de, pelo menos, um elemento com experiência passada no mesmo domínio ¹⁸. Atente-se no caso do piloto Pêro Escobar ¹⁹ que era, diríamos hoje, um perito no Atlântico Sul, já que, além de ter descoberto a Mina, acompanhou Diogo Cão na sua expedição ao Congo. Perito era, também, Bartolomeu Dias, que

¹⁶ Ele, um tal Martim Afonso e Diogo Dias. Este, destinado, por Vasco da Gama, a ficar como feitor em Calecut. (Veja-se o *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia*, da autoria de Álvaro Velho).

¹⁷ Veja-se, entre outros, José de Freitas Ferraz, «Nicolau Coelho» in *Dicionário de História de Portugal*, (dir. Joel Serrão), vol. II, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, p. 92.

¹⁸ E da leitura completa do já citado *Roteiro*, pode facilmente concluir-se que Nicolau Coelho era «perito» no reconhecimento das costas e no estabelecimento dos primeiros contactos com os autóctones.

¹⁹ Consulte-se Maria Lucília Estanco Louro, «Pêro Escobar» in *Dicionário de História de Portugal*, (dir. Joel Serrão), vol. II, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, p. 418.

capitaneou uma das naus de Cabral. Será que foram estes os navegadores pré-colombinos e pré-cabralinos que chegaram ao Brasil e aos quais se referia o Prof. Manuel Ramos ²⁰ e, mais recentemente, embora em outro contexto, Francisco Contente Domingues²¹? Será que nem a Duarte Pacheco Pereira se deve atribuir o descobrimento da costa brasileira, em 1498? Será que o verdadeiro descobridor terá sido Nicolau Coelho, antes de 1497²²?

Não tendo resposta, resta-me deixar a dúvida.»

²⁰ «A tradição portuguesa de terras e viagens para ocidente; Cabral e o Brasil» in *História de Portugal*, (dir. Damião Peres), vol. III, Barcelos, Portucalense Editora, 1931, p. 597.

²¹ Cf. «Os Navios de Cabral» in *Oceanos — O achamento do Brasil*, especialmente na página 76. Na mesma linha de raciocínio vai Jorge Semedo de Matos no seu recente trabalho «A navegação atlântica dos portugueses em 1500», p. 99 da revista antes citada.

²² Não parece de todo inverosímil se atentarmos na carta de Pêro Vaz de Caminha e nas atribuições que Pedro Álvares Cabral lhe deu: a) Foi Nicolau Coelho o **primeiro** dos capitães de navio a pôr pé em terra — e eram doze nessa altura — (de quinta-feira, 23 de Abril, diz Caminha: «[...] e vieram logo todos os capitães das naus a esta nau do capitão-mor, **onde falaram entre si. E o capitão-mor mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquele rio.**»); b) De todos os capitães e pilotos, foram Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias — atente-se na particularidade de ambos terem já antes dobrado o Cabo da Boa Esperança e ter o primeiro dos dois navegado, de certeza, em costas do Brasil com Vasco da Gama — os dois que, pela **terceira** vez, desembarcaram em terra — o segundo foi Afonso Lopes, **piloto da nau de Cabral**— (de sábado, 25 de Abril, diz Caminha: «[...] todos os capitães vieram a esta nau do Capitão-mor. E daqui mandou o Capitão a **Nicolau Coelho** e Bartolomeu Dias que fossem em terra [...]. E a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho.»). Convenhamos que, para mera coincidência, grande simpatia ou confiança em Nicolau Coelho, parece exagerado o facto da escolha recair nesse capitão, a quem, *por acaso*, «lhe ficaram ainda da outra vinda» «muitas cruces de estanho com crucifixos»!



Planisfério coevo, português, de autor desconhecido, normalmente designado por Planisfério de Catino, onde está evidenciado o conhecimento de terras a Ocidente e o meridiano de Tor-desilhas.

Fonte: www.cncdp/crista/20/21.html